

Aspectos do verbo Haver e seu uso na Nova Psicanálise¹

Aristides Alonso²

Resumo: Alguns aspectos e formas do verbo haver e seu uso típico na língua portuguesa. Seu sentido dicionarizado em seus múltiplos empregos e questões relativas à impessoalidade segundo a tradição gramatical. Breve descrição do modo como a Nova Psicanálise faz uso desta construção frasal.

Palavras-chave: Nova Psicanálise; Haver e Ser (Ter e Existir); Impessoalidade verbal e predicação; Sintaxe do verbo haver.

As possibilidades de construção sintática e semântica do *haver* têm importância decisiva para a Nova Psicanálise, criada por MD Magno³, pois esse modelo teórico e clínico emprega em seu discurso particularidades desse vocábulo tanto em sua forma verbal quanto nominal. Esse termo apresenta grande riqueza e variação em sua estrutura e significação, diferencia-se de outras línguas, mesmo as neolatinas mais próximas e constitui-se em categoria linguística tão singular que dificulta em muitos aspectos sua tradução para outras línguas (como o inglês e o francês, por exemplo) por não haver equivalência morfossintática em outros idiomas. Conforme veremos, essas possibilidades de construção linguística aparecem

¹ Versão revista de texto publicado em *Anais do III Seminário de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação: Educação e Sociedade Contemporânea: Desafios e Propostas*. Rio de Janeiro, dezembro de 2003 (Lançamento em cd-rom).

² Doutor em Letras (UFRJ). Pós-Doutor em Comunicação (UNL). Professor (UERJ) e das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). Diretor da NovaMente. Pesquisador do ETC: Estudos Transitivos do Contemporâneo (Grupo de Pesquisa/CNPq). Coordenador do projeto de extensão TecMen: Tecnologias da Mente.

³ Criador da Nova Psicanálise ou NovaMente, em 1986, na linhagem Freud-Lacan. É uma reformatação da psicanálise a partir do conceito de pulsão (considerado o conceito fundamental) e suas consequências. Esse modelo tem se mostrado compatível com as complexas questões contemporâneas em múltiplos campos do conhecimento. Coaduna-se com teorias científicas atuais e frequentemente demonstrou antecipá-las em pontos cruciais. Seus Seminários e Falatórios estão sendo publicados desde 1977. Para maiores informações: www.novamente.org.br

principalmente no padrão frasal do português culto e na maneira como a gramática tradicionalmente tem tratado esse vocábulo.

Para a consecução de nosso objetivo, consideraremos seu sentido dicionarizado nos múltiplos empregos e questões relativas à impessoalidade segundo a tradição gramatical. Ao final, uma breve descrição do modo como a Nova Psicanálise faz uso dessa construção frasal em nossa língua.

Os sentidos dicionarizados

Primeiramente, resenharemos a significação dicionarizada do verbo *haver* para, em seguida, considerarmos a dimensão sintática e semântica que nos interessa focar, justamente aquela que apresenta um modo muito próprio da língua portuguesa de enunciar sentido e recortar significação.

Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) – que pode nos servir de base para as considerações deste artigo – o verbo **Haver** apresenta as seguintes acepções, com os respectivos exemplos:

1 *t.d. ant.* ter ou obter comunicação de; receber: *Logo os Noronhas houveram notícia da sua prisão.*

2 *t.d.bit. frm.* ser bem-sucedido na consecução de (um resultado, um objetivo, algo por que se diligenciava); obter: *Não conseguiram haver as informações de que careciam; Houvemos-lhe o necessário alvará para estabelecer a firma.*

3 *t.d. ant.* estar na posse de, ser proprietário de; possuir: *Os Albuquerque não cabedal de escudos para muito mais; Aquelas famílias houveram de tudo e hoje nada mais possuem.*

4 *t.d. ant.* experimentar (uma sensação física, psicológica ou moral), ser afetado por; sentir: *Por presenciáreis tais atrocidades, haveis receio de ali ficar.*

5 *t.d. [impessoal]* ter existência (material ou espiritual); existir: *Para ela, só há no mundo o neto; Não havia mulher que ele não desejasse; Haverá deuses, enquanto alguém neles acreditar; Quando há paixão, não raro o ciúme aparece.*

6 t.d. [impessoal] estar ou encontrar-se concretamente em determinado lugar ou situação: *Há alguém à porta, batendo; Havia três mulheres no aposento; Há árvores centenárias no parque.*

7 t.d. [impessoal] continuar a existir ou a manifestar-se; manter-se, subsistir *Quando iniciamos, ainda havia luz; Ainda há racismo em algumas partes do país; De todas as antigas jóias, há comigo apenas um anel de rubis.*

8 t.d. [impessoal] ter razão de ser, de existir: *Não há beleza, senão em relação ao homem.*

9 t.d.bit.int. [impessoal] existir para uso, serviço ou à disposição: *Há sempre gente por ali à volta para ajudar; Calma, porque há dinheiro bastante para todos; Estes sapatos são do melhor que há.*

10 t.d. [impessoal] ter transcorrido ou ser decorrido (tempo): *Há cinco anos deixei de fumar; Naquele mesmo quarto, havia sete anos, ocorrera o suicídio.*

11 t.d. [impessoal] ser ou tornar-se realidade no tempo e no espaço; acontecer, realizar-se: *Não houve sessão de cinema; Haverá reuniões aqui esta tarde; Nenhuma das janelas, fechadas, dava sinal de h. ali alguma festa.*

12 t.d. [impessoal] ocorrer por acaso ou como efeito de um processo; acontecer *Tinha havido uma colisão de trens no túnel; Entre eles, jamais houve nenhuns mal-entendidos; Haverá choro e ranger de dentes depois das provas.*

13 t.d. [impessoal] produzir-se ou aparecer como fenômeno natural ou consequência de condições naturais *Houve muitos ventos no inverno passado; Não havia estrelas naquele céu de dezembro.*

14 t.d. [impessoal] sobrevir, ocorrer: *Havia ideias de suicídio em seu espírito.*

15 t.d.bit.frm. ser aquele sobre quem incide ou a quem se dirige a ação; receber *Os sitiantes houveram dos mouros as suas cicatrizes; Não haverão favores de ninguém.*

16 t.d. receber de volta; reaver: *Nada conseguiu haver do que lhe havia sido roubado.*

17 t.d. e t.d. pred. frm. formar ou manter uma opinião ou elaborar uma ideia a respeito de algo; julgar, reputar, considerar: *Os perseguidos houveram ser melhor fugir; A justiça não houve por verdadeira a sua inocência;*

18 t.d. estar em determinada situação ou condição definida pelo tipo de tratamento ou consideração que se recebe de outrem: *Reconhecemos o direito que haveis; Houveste fama e glória na juventude.*

19 t.d.bit. frm. ser um dos genitores (esp. o pai) de (criança que nasce): *Houve (da amante) dois filhos.*

20 pron. proceder socialmente; conduzir-se: *Como haver-se em tal situação? Elas se houveram com elegância na discussão; El Cid houve-se com justiça e altivez com os mouros.*

21 pron. dar conta de; lidar com, sair-se: *Os alunos houveram-se muito bem nas provas.*

22 pron. andar às voltas com; arcar: *Quem entra naquela repartição começa a se haver com as complicações da burocracia.*

23 pron. ter trato com; lidar: *É melhor haver-nos com a secretária e não com o ministro.*

24 pron. prestar contas a; avir-se: *Quem não for já para a cama vai haver-se comigo depois.*

25 a parte de uma conta ou de uma escrituração comercial que indica o que se tem a receber; crédito:

25.1 menos us. que **haveres** ('conjunto de bens; dinheiro'): *O médico haver de um cura de aldeia; Da algibeira sacou escassa porção do seu haver. Haveres s.m.pl.*

26 bens, posses, fazenda, fortuna: *Os muitos haveres de uma rica viúva.*

26.1 conjunto de bens mobiliários e imobiliários.

- há cerca de, faz mais ou menos: *Aqui estiveram há cerca de cinco anos.*

- haja o que houver, não importa o que aconteça; custe o que custar.
- haver como ser de algum modo possível; existir maneira de: *Haveria como agradá-la?; Não há como resistir-lhe aos encantos; Haverá como superar suas desditas.*
- haver por bem, considerar oportuno ou conveniente (fazer algo ou agir de determinada maneira); julgar certo, escolher, dignar-se a; assentar.
- bem haja, locução interjetiva que exprime as ideias de aplauso, felicitação, louvor ou agradecimento: *Bem haja quem doou tantos alimentos aos desvalidos; Bem haja eu, que nunca deixei de poupar.*
- mal haja, locução interjetiva que expressa contrariedade ou animosidade acentuada; maldito seja: *Mal haja quem contra nós imprecara.*
- não haver, como não existir (pessoa, coisa) como: *Não há como sua mãe, para fazer um bom bacalhau; Não há como uma boa repreensão, para entrar tudo nos eixos.*
- us., no passado, sem o como: *Não há satisfazer um alarve, se come em mesa alheia*

O conceito de impessoalidade verbal

O verbo **haver** origina-se do latim **habere** (*habeo, habui, habitum, habere*), que era verbo regular, sintaticamente construído com sujeito e objeto. Inicialmente, a primitiva oração existencial com *haver* deve ter possuído sujeito: “Este lugar há muitos perigos”, “Esta época houve muitos homens honestos” (Gramática Histórica, 1926: 453). Mas, “*por um inconsciente fenomeno psicologico*” converteu-se em verbo sem sujeito” (Gramática Histórica, 1926: 453).

Para o entendimento do que as gramáticas nomeiam como **impessoalidade verbal**, em particular a do verbo haver, tomamos como referência “*O Verbo Haver e a Evolução do Conceito de Impessoalidade*”, de Cirineu Cecote Stein, que resenha e exemplifica os principais aspectos sobre a questão, embora seu objetivo seja diferente do nosso, isto é, demonstrar a dificuldade desta categoria gramatical. Desse artigo também retiramos os exemplos que se seguem, com as respectivas referências

bibliográficas relativas à impessoalidade verbal. Cumpre observar que, além das gramáticas tradicionais apresentadas, não são muitas as pesquisas disponíveis sobre a questão.

A noção de impessoalidade verbal nas gramáticas da língua portuguesa parece apresentar-se de forma cristalizada, sendo que os gramáticos, de modo geral, não divergem quanto ao que se deva considerar um verbo impessoal no português culto. Existe quase que unanimidade em dizer que, *não tendo sujeito*, os verbos impessoais são invariavelmente usados na terceira pessoa do singular. São citados como impessoais os verbos que indicam **fenômenos da natureza**; o verbo **haver** na acepção de “existir”; o verbo **fazer** indicando o “decorrer do tempo”, ou acompanhado de objeto direto, quando indica fenômenos devidos a fatos astronômicos (Lima, 1992: 401) e alguns outros verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando regidos de preposição em frases do tipo: *Basta de provocações!* (Cunha e Cintra, 1997: 432). Mesmo estando de acordo sobre a impessoalidade de tais verbos, os gramáticos observam que, em sentido figurado, esses verbos que indicam fenômenos naturais podem sofrer flexão, como em “*Os oficiais anoiteceram e não amanheceram na propriedade*” (Cunha e Cintra, 1997: 433). Há o reconhecimento geral de que essas construções podem ser pessoalizadas.

Segundo Stein (cf. Referências: 18), a noção de impessoalidade, como decorrência da ausência de um sujeito que possa praticar a ação, já estava presente em gramáticos do passado que são referência para o estudo da língua portuguesa, como em Júlio Ribeiro (1875: 75): “Impessoal – quando na acepção própria não póde ter por sujeito um nome de pessoa, ex.: *trovejar – acontecer*”. Ou segundo a *Gramática analytica* de Maximino de Araújo Maciel (1887: 229 *apud* Stein):

Na maior parte dos casos os verbos impessoaes não apresentam sujeito, porque indicam phenomenos que se passam no seio da atmosphaera ou de natureza astronômica, ex.: anoitecer, amanhecer, alvorecer – trovejar, chover, nevar, etc.

O verbo impessoal essencial caracteriza-se, pois, pela noção de um fato astronômico ou meteorológico e o fundamento da classificação dos verbos impessoaes baseia-se na não existência de sujeito.

Ou ainda em Bueno (1973: 176), os comentários que reforçam a tradição compartilhada pelos demais gramáticos:

Os verbos *empeçais*⁴ são considerados *verbos sem sujeito* e aparecem em frases como estas: houve combates encarniçados – faz frio em S. Paulo – anoitece tarde no verão – trovejou a noite toda – etc. – Alguns autores dão aos impessoais a denominação de unipessoais, porque possuem apenas uma pessoa, a terceira do singular ou do plural.

Segundo Júlio Ribeiro (1885: 290), há outra possibilidade de um verbo ser considerado impessoal: “Emprega-se também impessoalmente qualquer verbo na terceira pessoa do plural, ex.: ‘Em Paris dar-lhe-ão cabo da pelle – Mataram o Presidente’”. A gramática do português contemporâneo reconhece essas construções como sendo de *sujeito indeterminado*.

Questões e divergências sobre a impessoalidade do verbo Haver

Na pesquisa de Stein, desde a clássica *Grammatica da língua portuguesa* (1540), de João de Barros, que há controvérsias quanto à normatização do uso do verbo haver com o sentido de *existir*, correndo paralelamente ao problema de conceituar o que seja verbo impessoal. O uso culto do verbo haver na acepção de existir sempre preconizou a forma do singular. A discussão que havia era quanto a esse verbo apresentar o sentido existencial.

Examinando os verbos que nas diversas línguas correspondem ao esse latino e aos nossos ser ou estar, existir e até haver no impessoal, acharemos que em muitos enunciado, não a ideia abstracta de existência, mas sim huma das acções ou funções que caracterisam a vida, que a mantem, (...).

O que sugere que o verbo apresentaria um uso impessoal. Mas outro gramático, como Silva (1824: 54-5) apresenta posição contrária:

⁴ *Empeçais* = impessoais

Haver sempre é activo, e nunca significou existir, como dizem Argote, e outros. Tanto é incorreto dizer = *Ha homens* = por *existe homens*; como supor, que na significação de *ter* é idiotismo Portuguez concordar com sujeitos do plural. *Ha homens* é uma sentença elliptica, cõ sujeito do singular; i.é, *o mundo, a especie humana* tem homens: “*nesta terra ha boas frutas;*” i.é, a especie das frutas [ha] tem, contém: “*Em mim ha dois eus;*” i.é. o meu individuo, sujeito suposto contém dois eus (...) “*Hão na Logica outros termos*” é erro, porque o sujeito proprio d’esta sentença é: Linguagem Filosofica, ou Scientifica ha ou tem na Logica outros termos.

Essa posição é contestada com veemência posteriormente por Maciel (1887: 230-1), continuando a polêmica sobre a questão:

O verbo *haver*, derivado de *habere*, tem suscitado grandes debates grammaticaes, quando apresenta-se nas construções seguintes: - Há professores – Havia deputados, etc.

É certo que o verbo *habere* é pessoal, porque em acepção própria póde ter um sujeito representado por nome de pessôa; porém nas línguas romanas o verbo latino *habere* tomou nova direcção syntatica, segundo as novas tendências geniaes, desenvolvidos nos novos idiomas latinos.

O facto é que o verbo *haver* assumiu o character de impessoal e não póde ter sujeito claro, ex.: Há homens – Houve combates.

Induzidos por falsas observações dos factos da vida das línguas romanas, os grammaticos que não conhecem latim sustentam erradamente que o verbo *haver* é em taes casos *synonymo perfeito de ter*, porquanto ignoram como procedia o latim na expressão das phrases correspondentes às nossas, construídas com o verbo *haver*.

Neste ponto as neo-latinas levam vantagem à língua do Latio, que construia taes phrases, implicando sempre noção de existência, tanto que o verbo *esse* fazia as vezes do nosso *haver* – *Erant omnio duo itinera* – Havia apenas dois caminhos.

Neste exemplo – *duo itinera*, é o sujeito porque *erant*, tem a significação de *existiam*; porém em portuguez passa-se tudo differentemente. Pelo facto do verbo *haver* implicar a noção significativa de *ter* e *possuir*, os

grammaticos procuram para o verbo haver um sujeito acomodado à proposição: sujeito este representado por substantivo.

Não seja este o ponto principal da questão, porque o maior absurdo é sustentar-se que o verbo *haver* tem a significação de existir, ficando no *singular* com o sujeito no plural por idiotismo.

Ou seja, o autor acima afirma que o verbo haver tem sentido de *existência*, sem sustentar o uso do singular, passando o verbo a ter construção sintática semelhante ao do verbo existir. A única razão para o seu uso impessoal no singular deve-se a seu caráter assumido em nossa língua, o que deve ser considerado apesar de toda variação linguística possível.

Para Gomes (1920: 423), o verbo haver, derivado do latim *habere*, por abrandamento do *b* em *v* e queda da vogal átona final, significa única e exclusivamente *ter* e não *existir*:

É verdade que, empregado impessoalmente, parece *haver* significar *existir*, mas contra isso protesta a etymologia e os que daquelle modo pensam, soccorem-se do francez em expressões como estas – *il y a, il y eut, etc.*

Entretanto, a expressão franceza não lhes dá razão, porque em *il y a* a tradução literal é – *elle há (tem) ahi.*

Dizem também que, si em portuguez apparece o verbo sem sujeito, é isso um **idiotismo** ou particularidade da língua; mas não há necessidade de recorrer a idiotismo, desde que se explique o verbo *haver* por *ter*, dando-se-lhe por sujeito – *elle.*

E assim sucessivamente, há as mais diversas posições no entendimento do verbo haver. O que não se pode negar, entretanto, é que *há essa singularidade na língua portuguesa, a impessoalidade*, que causa assim todo tipo de confusão naqueles que querem forçar a subjetivação a qualquer custo nessa construção verbal, na tentativa de desconsiderar um fato da língua descrito por muitos gramáticos e linguistas.

Sintaxe do verbo Haver

Segundo a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra (1997), uma das mais completas sobre a questão, temos a seguinte descrição do uso do verbo haver em suas múltiplas acepções transcrita na íntegra:

Na língua portuguesa contemporânea, em sua variação culta, o verbo haver, conforme o seu significado, pode ser empregado em todas as pessoas ou apenas na 3ª pessoa do singular (Cunha e Cintra: 1985, 525-8):

1. Emprega-se em todas as pessoas:

a) quando é **auxiliar** (com sentido equivalente a *ter*) de **verbo pessoal**, quer junto a participio, quer junto a infinitivo antecedido da preposição *de*:

Também a mim me **hãõ ferido**.

(J. Régio, F, 56.)

Outros **haverãõ de ter**.

O que **houvermos de perder**.

(F. Pessoa, OP, 17.)

b) quando é **verbo principal**, com as significações de “conseguir”, “obter”, “alcançar”, “adquirir”:

Donde **houveste**, ó pélagõ revolto,

Esse rugido teu?

(Gonçalves Dias, PCPE, 191.)

- Tãõ nobre és, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti devem pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as **houvemos** nós e nossos pais.

(J. de Alencar, OC, II, 442-423.)

c) Quando é **verbo principal**, com a forma reflexa, nas acepções de “portar-se”, “proceder”, “comportar-se”, “conduzir-se”:

Talvez passasse por cima de tudo, da maneira como ele a tratara, da dureza com que se **houvera** e se lembrasse de que ele era o seu pai.

(J. Paço d' Arcos, CVL, 702.)

Soares **houve-se** como pôde na singular situação em que se achava.

(Machado de Assis, OC, II, 51.)

d) Quando é **verbo principal**, também com a forma reflexa, no sentido de “entender-se”, “avir-se”, “ajustar contas”:

Que para as excomunhões e interditos de Roma, el-rei lá **se haveria com eles**, que podia.

(Almeida Garret, O, I, 308.)

O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que **se houvesse com ele**.

(J. Lins do rego, MR, 34.)

e) Quando é **verbo principal**, acompanhado de infinitivo sem preposição, com o sentido equivalente a “ser possível”:

Não **há** negá-lo, o apito é de uso geral e comum.

(Machado de Assis, OC,III, 536.)

Não **há** julgá-lo de outro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou em Lisboa num palacete de Belém.

(C. Castelo Branco, OS, I, 229)

2) É raro nos escritores modernos, mas muito frequente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo *haver*, como verbo principal, nas acepções de:

a) “ter”, “possuir”:

Aos que o bem fizeram, **hei** inveja.

(A. B. Ferreira, C, 688)

b) “julgar”, “pensar”, “considerar”, “ter para si”:

O que eu **hei** por gram crueza.

(C. Falcão, C, v. 763.)

Isto é: o que eu julgo (ou considero) grande crueldade.

3) Comparem-se as expressões:

a) haver por bem = “dignar-se”, “resolver”, “assentar”, “julgar oportuno ou conveniente”:

O coronel, que neste momento lia na rede as folhas recém-chegadas, **houve por bem** interromper a ingestão de um flamante discurso sobre a questão do Amapá para acudir em apoio ao fedelho.

(Monteiro Lobato, U, 178.)

O sino da igreja badalava freneticamente desde cedo, apinhado de macacos, ainda que o vigário **houvesse por bem** suspender a missa naquela manhã, porque havia macaco escondido até na sacristia.

(F. Sabino, HN, 147.)

b) Haver mister = “precisar”, “necessitar”:

Não **há mister** mais que um módulo ou matriz para os descontar como poesia de lei.

(J. Ribeiro, PE, 19.)

Deus o auxilie e illustre, e a todos nós, que bem o **havemos mister**.

(Almeida Garret, O, I, 1086.)

4) Emprega-se como IMPESSOAL, isto é , sem sujeito, quando significa “existir”, ou quando indica tempo decorrido. Nestes casos, e, qualquer tempo, conjuga-se tão-somente na 3ª pessoa do singular:

Há trovoadas em toda à parte...

(M. Torga, V, 158.)

Havia simples marinheiros; **havia** inferiores; **havia** escreventes e operários de bordo.

(Lima Barreto, TFPQ, 279.)

Tinha adoecido, **havia** quinze dias.

(M. Torga, NCM,16)

Há oito dias que não via Guma.

(J. Amado,MM, 20.)

Há dois dias que não vem trabalhar!

(Luandino Vieira, NM, 129.)

5) Quando o verbo *haver* exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares *ir*, *dever*, *poder*, etc., a locução assim formada é, naturalmente impessoal.

- Eu não sei, senhor doutor, mas **deve haver** leis.

(Eça de Queirós, O, I, 164.)

- **Deve haver** muitas diferenças entre nós.

(G. Ramos, SB, 102.)

Podia haver complicações, quem sabe?

(C. dos Anjos, M, 193.)

Observações:

O verbo *haver*, quando sinônimo de “existir”, constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto, o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (a, lo, la). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente.

Dir-se-á, pois:

Há tantas folhas pelas calçadas!

Existem tantas folhas pelas calçadas!

Construções do tipo:

Houveram muitas lágrimas de alegria.

(C. Castelo Branco, V, 82.)

Ali **havam vários deputados** que conversavam de política.

(Machado de Assis, OC, II, 67-68.)

embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não são recomendados pelas gramáticas normativas do português.

O uso do Haver na Nova Psicanálise

Do que acima ficou apresentado, podemos destacar alguns aspectos fundamentais do uso do vocábulo **HAVER** na Nova Psicanálise, que se aproveita de suas particularidades sintáticas e semânticas para enunciar seu conceito fundamental. Primeiramente, **o Haver** (forma substantivada) é concebido, em sentido cosmológico, como conjunto aberto do que **HÁ** – o que se chama universo ou multiverso, por exemplo –, em qualquer forma e disponibilidade com que se apresente. O que quer que haja, materialmente dado ou ficcionalmente construído, real ou virtual, manifesto ou latente, faz parte do Haver e suas possibilidades de mutações. Nele não há “fora”, o que quer que haja lhe pertence e **isso que há** se constitui como Um, único e singular. Mas esse Haver não é estático ou imóvel. Suas conformações estão em permanente agonística e metamorfose, pois o Haver é “movimento desejanste puro: tudo o que deseja é não-Haver” (Magno [1990], v. 1: 89).

A causa desse movimento é a *força* básica suposta ao Haver é o que Freud nomeou como Pulsão [de morte] em *Além do Princípio do Prazer* (1920) (Magno [1992]: 14)⁵.

A Nova Psicanálise – que (re)toma o conceito freudiano de pulsão de morte de forma genérica –, enuncia seu axioma básico como *Haver desejo de não-Haver* e nesse sintagma assim enunciado notam-se pelo menos dois sentidos no modo como o vocábulo é empregado. Primeiramente, *haver* pode ser entendido como forma substantivada (*o Haver = o que há*), como já vimos acima e, nesta acepção, pode-se dizer que *o Haver deseja não-Haver*. Mas também pode ser entendido como verbo (*Haver desejo de não-Haver*), enfatizando-se que *há desejo* e esse desejo permanentemente visa seu avesso, que não há. Semanticamente, põe-se uma imanência inarredável, embora enuncie seu desejo de avessamento, de atingimento de “outro lado”, que não há em hipótese alguma. Portanto, há, na imanência, desejo de transcendência – impossível, aliás.

Assim, quando o axioma é formulado, estamos dizendo simultaneamente sua acepção *substantiva e verbal*. Por um lado, destaca-se sua *impessoalidade* (não há sujeito gramatical) para isso que há. Por outro, embora a gramática da língua portuguesa sempre tenha tratado o verbo *haver* como transitivo direto - e que, portanto, esse *não-Haver* aí desejado na frase seria objeto do verbo -, no próprio enunciado apresentado está-se dizendo que *não-Haver* não há, afirmando-se dessa forma que *haver não tem sujeito nem objeto*: ou seja, o que há simplesmente há, embora a frase esteja construída segundo o padrão linguístico corrente, que divide classicamente a oração em sujeito e predicado (substantivo/verbo). Esse *Haver*, assim entendido, é sempre o **Mesmo**, não está partido entre subjetividade e objetividade, mas sim em sucessivas ressonâncias “internas” de si mesmo e comparece dessa forma em sua radical *impessoalidade e intransitividade*. Há nesse uso dupla acepção: ao mesmo tempo *impessoal e intransitivo*, isto é, sem sujeito e sem objeto. Dessa forma, há o Haver enquanto Um, Neutro, Único, absolutamente singular e sem nenhuma referência outra que não seja seu desejo de não-Haver, isto é, a absoluta falta de objeto. Convém também lembrar que o verbo *haver*, em

⁵ Para mais informações sobre *Haver, pulsão* e outros conceitos da Nova Psicanálise, veja seções 1. Introdução à NovaMente e 2. Revirão. In: Magno [1999].

português, é frequentemente entendido com *existir* e as gramáticas não sabem explicá-lo a não ser na acepção de *existência*. Como o verbo existir se constrói com sujeito e o verbo haver não (mas sintaticamente tem objeto), há uma grande inconsistência ou confusão na descrição gramatical tradicional, mesmo no padrão normativo e culto. Para a Nova Psicanálise, é de extrema importância conceitual a distinção entre *haver* e as outras acepções linguísticas, em particular o verbo *ser*:

Este é o erro objetual na língua. O verbo '**haver**' é confundido com o verbo '**ser**'. Se perguntamos 'há algo?', já designamos. Então, o verbo 'haver', que não há em outras línguas e que em latim já era misto com outras aparências – tem relação com *habitare*, 'estar em algum lugar', 'estar ali' –, na Península Ibérica (espanhol e português), tomou uma feição muito própria e particular. É um verbo sem sujeito, quando falamos simplesmente 'haver' indicando coisas no mundo. Mas dá a impressão de ter objeto: 'Há isto!', indicando uma presença ou sendo (frequentemente) confundido com o verbo 'ter', no sentido de contabilizar algo. Observamos que, no Brasil, ninguém pergunta mais se 'há coca-cola?', e sim se 'tem coca-cola?', ao passo que em Portugal e no espanhol perguntam se 'há água?' O verbo 'haver' não tem sujeito e, por isso, toda vez que tentamos indicar um objeto, ele salta da sua significação e passa para o verbo 'ser'. Pergunto 'há isto?' Mas isto o quê? Falar disto é dizer o que isto é, é empregar o verbo 'ser' (Magno [2002]: 71).

O passo seguinte dessa articulação já se dá no âmbito da *predicação* do verbo haver, que ganha agora as acepções do verbo *ser* (que implica também o *existir* e o *ter*). Há o haver em primeira instância e esse haver comparece, manifesta-se, como ser em sua multiplicidade predicativa, pois quando a *havência* de uma pessoa se expressa ou manifesta, ela está *ex-sistindo*, que significa estar *sistindo fora de si*, desdobrando-se em suas formas de ser:

Notem que é diferente a gente Haver de *existir*, que é a implicação de haver Eu dentro do mundo, do Ser. Quando minha havência aqui e agora se projeta dentro do Ser, dentro do mundo, estou *ex-sistindo*. Ou seja, estou sistindo para fora de mim. O mundo nada tem a ver comigo

originariamente, só tem a ver na medida em que me aproprio dele. Posso não me apropriar, mas meu percurso no mundo vai fazendo com que me aproprie dos acontecimentos, dos outros existentes, das formações disponíveis para meu uso, etc. Portanto, existir é implicar-se como havente dentro do Ser, o qual não é senão o Ter: **Eu sou o que tenho**. É preciso fazer o rol de todas as minhas propriedades para saber o que estou sendo agoraqui. Sou o conjunto de minhas propriedades, as quais são apenas as implicações que essas propriedades têm em minha existência enquanto causada por Eu haver (Magno [2007]: 55-56).

Então, para a Nova Psicanálise, *haver* é radicalmente diferente de *ser* e, do ponto de vista operacional de seus interesses teóricos e/ou clínicos, essa distinção é fundamental. Mas dado nosso foco no verbo haver neste artigo, as outras distinções entre *haver* e *ser* serão tratadas em outro artigo oportunamente. A construção que está sendo destacada é precisamente a que afirma *isso que há* em sua radical *havência*, para antes ainda de qualquer construção sintática que constitua uma predicação, portanto ainda sem sujeito e sem objeto oracionais.

Como vimos anteriormente, para a Nova Psicanálise, o *Haver* é puro movimento desejante, que tem como alvo seu avesso absoluto. Sob a força da pulsão, ele vige em constante busca (*konstante Kraft* = força constante) de reversão ao seu simétrico enantiomórfico, o não-Haver, mas como isso é absolutamente impossível, a pulsão retorna ao Haver em **revirão**⁶, voltando a produzir *diferenças* (as *formações do Haver*⁷). Desse modo, a pulsão institui um *circuito pleno*, em *eterno retorno* e em

⁶ A essa competência da mente e suas possibilidades, a Nova Psicanálise chama de *revirão*, fundamentado no *princípio de catoptria* (do gr. *katóptron* = *espelho*), princípio de base psicanalítica que afirma que o que quer que haja suscita seu *avesso* ou *enantiomorfo*. Essa competência é dada e está à disposição de qualquer Pessoa. Destaca-se nesse conceito uma “vontade de simetria” como princípio primeiro e organizador do que quer que haja em qualquer tempo e lugar. Foi cunhado a partir da criação de James Joyce, em *Finnegans Wake*, *riverrun* e da tradução que dele fizera Glauber Rocha no título de seu romance *Riverão Sussuarana*. Além do próprio verbo da língua portuguesa “revir”, que, segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, vem do latim “revenir” e significa “vir de novo”, “voltar”, “regressar”.

⁷ O que quer que se organize, que se forme, espontânea ou industrialmente, como modalização decorrente da fractalidade do Haver, seja da ordem de um ser vivo, de uma formação psíquica ou qualquer outra coisa, é *formação do Haver*. Qualquer formação é produto, em última instância, da quebra de simetria sofrida pelo Haver em seu movimento

moto-perpétuo. Enfatiza-se que não há o “outro lado” desejado. O que **há**, para uma pessoa⁸ é essa **experiência bruta de Haver**, que ela pode sentir na própria carne e reconhecer sua presença, mas da qual não há saída possível (só há “dentro”, não há “fora”): se houvesse um “fora” do Haver – justamente aquele que a nossa mente vive desejando –, seria o não-Haver. É esse o entendimento básico da ideia de pulsão que é tomado pela Nova Psicanálise como conceito fundamental: **Haver desejo de não-Haver** e modelizado pelo conceito e *revirão*.

Se admitimos que a mente da pessoa funciona plenamente, assim como descrito pela Nova Psicanálise, seu movimento desejante é sempre para não-Haver, mas como não o encontra, resta o conhecimento de que isso **há**, e que isso comparece para ela como *experiência de Haver*, mesmo que não saiba exatamente do que se trata. Temos a disponibilidade de passar por essa experiência e reconhecê-la, seja qual for o momento em que isso aconteça, mas essa experiência está recoberta com tantas formas de recalque que frequentemente não nos recordamos ou não nos damos conta dela. É simplesmente a experiência de que **isso há**. Não é necessário perguntar o que é isso que há, pois temos esta experiência. Mas entrar no regime da prática discursiva, fraseológica, linguística etc., e tentar explicar do que se trata, já é algo muito diferente. A partir daí já se está no regime discursivo do verbo do **ser** e suas acepções e começa-se a falar a respeito disso que há, que nos *comove* e nos *afeta* imediatamente.

pulsional, pois, se não-Haver não há, tudo está sempre de retorno ao plano de imanência. As *diferenças* de qualquer tipo com as quais nos deparamos, e que podemos perceber no mundo, comparecem entre as formações já configuradas que, por recalques, constituem campos “fechados” com “fronteiras” e “limites” (Alonso e Araujo, 2002: 314).

⁸ A *persona* é um imenso e complexo aglomerado de formações em interação recíproca. Essa *rede* imensurável organiza-se também em *polos* com *foco* e *franja* e *fundo*. É formação complexa, com *n* componentes morfológicos e sintáticos que eventualmente se focalizam em determinada formação constituindo sua sintomática. São formações sideradas em formações que resultam em dada contingência. Assim constituído, todo polo é *poder de resistência* no campo das formações que são focais e franjais. Mas a *persona* tem competência de *indiferenciação*, de *neutralização* das formações dominantes, resultado da *equi-valência* entre dois polos opostos, com superação da dualidade, revelando um terceiro lugar entre as polarizações em jogo (Magno [1999]: 168-179).

Para Magno, essa é a “a loucura da espécie humana”, pois trata-se do reconhecimento de que não se pode escapar do Haver e de que d’ISSO que aí está não há saída. Estamos *condenados a Haver* eternamente, mas temos aparelho mental capaz de lidar com as limitações que nos cercam. Assim, ficamos para sempre no movimento do desejo (→ Haver deseja não-Haver), sofrendo todos os percalços e limitações, mas providos de competência mental que nos capacita a lidar com isso.

É nessa perspectiva que a Nova Psicanálise faz uso do verbo haver e suas possibilidades que é – como se pode depreender de sua descrição gramatical –, linguisticamente apropriado para expressar a singularidade da hipótese freudiana da pulsão e seus avatares. Essa apropriação é tanto mais adequada e eficaz, pois não é a língua (em suas características gramaticais) que pode expressar a singularidade da hipótese freudiana em questão, mas sim que a natureza inconsciente da pulsão (e da experiência que a rememora) encontra no verbo **haver** expressividade linguística e poética para dizer essa singularidade, que também põe em relevo a decisão conceitual afirmada pela Nova Psicanálise.

Referências

- ALONSO, Aristides; ARAUJO, Rosane [org.] *O Futuro da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.
- AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Grammatica Nacional*. Recife: Livraria Clássica, 1868.
- BARROS, João de. *Grammatica da língua portuguesa*. Lisboa: Lodovicum Roriguim, 1540. Reprodução facsimilada. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1968.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Crédito Brasileiro de Livros, 1973.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- GRAMÁTICA HISTÓRICA. *Novo Manual de Língua Portuguesa F.T.D. Curso Complementar*. São Paulo: Livraria Alves e Paulo de Azevedo & Cia., 1926.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva; Instituto Antônio Houaiss, 2001.

- MAGNO, MD. [2007] *A rebelião dos anjos: eleutéria e exousia*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2009.
- _____. [2002] *Psicanálise: arreligião*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005.
- _____. [1999] *A psicanálise, novamente: um pensamento para o Século II da era freudiana*. 2ed. Rio de Janeiro, NovaMente, 2009.
- _____. [1996] *“Psychopathia Sexualis”*. Santa Maria: UFSM, 2000.
- _____. [1995] *Arte e psicanálise: estética e clínica geral*. Rio de Janeiro: Novamente, 2008.
- _____. [1992] *Pedagogia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. [1990] *Arte & fato: a Nova Psicanálise: da arte total à clínica geral*. Rio de Janeiro: 2001. 2v.
- _____. [1989] *Est’Ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- RIBEIRO, Júlio. *Grammatica portugueza*. São Paulo: Teixeira & Irmãos, 1885.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- STEIN, Cirineu Cecote. *O Verbo Haver e a Evolução do Conceito de Impessoalidade*.
http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ6_14.htm